



O GRAVE PROBLEMA DO DESEMPREGO



PINTORES
OFERECEM-SE
COM BASTANTE
PRÁTICA

FEVER

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS



Consta em Cascais que a senhora D. Cleopatra Ptolomeu anda "embrulhada" com o senhor Marco António o que tem dado motivo a controverso falatório, tanto de censura como de rezojio.

Pela mesma razão, o Grupo dos "Antónios" reuniu em sessão extraordinária e decidiu enviar um telegrama de solidariedade ao seu querido consócio.

De regresso de uma operação na Suíça, chegou a Lisboa o ilustre industrial José Micas que se fazia acompanhar pela sua não menos ilustre esposa.

A operação que decorreu com o maior exito, realizou-se num dos melhores estabelecimentos bancários de Geneve.

Na maior intimidade, foi esta manhã a decapitar a senhora D. Maria Stuart, conhecida pela sua elegância que, na ocasião, envergava um sóbrio mas lindíssimo vestido.

Não se conseguiu apurar a identidade do costureiro, facto que causou a maior consternação no "Tout-Paris".

A senhora D. Catarina de Médicis, durante um chá que foi abrilhantado pelo conjunto "Vidro Moido" e o seu vocalista Arsénico, reivindicou a criação do Sindicato das Envenenadoras.

Casa hoje pela terceira vez o rei Henrique VIII.

Desejamos as maiores venturas à feliz noiva.

Na "corbeille", viam-se lindas e valiosas prendas e, entre elas, um interessante cutelo com bainha de tartaruga e dois machados com cabo de madre-pérola.

OS RIDICULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração
R. Conde Redondo n.º 12 - 2.ª LISBOA
Tel. 53 85 85-53 79 49-48668-563158

Composto e impresso na "LISGRÁFICA"—S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO - LISBOA

Quando eu era pequenino, quando se falava em "Chipre" era para as pessoas se referirem a um perfume muito agradável — um cheirinho que a gente punha depois do banho dominical. Hoje em dia quando se fala em Chipre... o perfume deixa de ser perfume e quase que cheira mal. Os ingleses têm tentado tudo para continuar a segurar o bocal do frasco de perfume. Mas os gregos não vão nisso. Claro que casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão. Talvez por isso os coroneis gregos andam a querer continuar a brincar às guerras. Talvez se lixem...

Eu não tinha dito? Nixon aguentou enquanto pode, mas acho que esticou demais a corda, e ela partiu-se. Lá vai Nixon. E tal como nas anteriores eleições, voltou a manifestar-se o slogan que parece ter sido criado pela fábrica de automóveis: "Vejo um Ford no seu futuro..." Isto era um cartaz muito giro que tinha uma bruxa a olhar para uma bola de cristal.

Donde se conclui que mestre Nixon devia ter já há mais tempo seguido aquele célebre conselho que ouvimos não sei onde: — Vão à bruxa!

Itália que como toda a gente sabe foi o berço do fascismo, parece querer continuar a produção de identicos "filhotes". Agora quando a policia italiana procurava deslindar o atentado ao comboio "Italicus", que tinha sido reivindicado (mais reivindicações!) pelo grupo fascista "Ordem Negra", descobriu por puro acaso a sede de outro e importantissimo agrupamento fascista: o "Ano Zero".

Brinquem com o fogo, brinquem.. As pessoas têm memórias curtas e depois dizem que têm pouca sorte na vida...

Líbia anda a queixar-se do Egipto. Coitados! Com a inveja da popularidade que o escandalo Watergate teve em todo o mundo, agora até o dirigente libio coronel Khadafi veio para a rua dizer aos jornalistas que não há direito de Sadate a andar a tratar mal, de cada vez que ele quer apaziguar os desentendimentos entre os dois países.

E Khadafi disse que tinha em seu poder muitas provas e gravações sonoras que se fossem tornadas publicas, fariam Sadate passar um mau bocado.

Agora isto passa a ser o procedimento normal: cada conversa, cada gravação. E depois a gente fica com um dossier capaz de tramar a vida ao vizinho.

Cá por mim cada vez que for à mercearia pedir fiado, olho para todos os lados não se vá dar o caso do merceiro ter um gravador ligado...

Presidente Ford parece que escolheu o modelo Cortina. E eu digo isto porque ele declarou publicamente que vai governar o país de forma a dar-se bem com todos, continuar o entendimento com a Rússia e com a China, e evitar intrigas e intriguinhas, numa palavra, correr a cortina sobre os erros do passado.

Por isso eu digo: Ford, modelo Cortina.

O leader dos palestinianos, naturalmente já farto dos golpes de mão que pouco ou nada conseguem, decidiu ir directamente a Beirute, para conferenciar com o governo libanez, a ver se consegue ao menos dali, um apoio capaz para os interesses dos palestinianos. Estou convencido que o Libano estará pronto a estender a mão aos palestinianos quanto mais não seja para evitar que continuem os ataques inesperados às aldeias libanezas. O que já não seria nada mau.

Os gregos continuam em pé de guerra. Os turcos mandaram-lhes um ultimatum. Os ingleses propuseram condições. Os cipriotas recusaram. Os turcos também. Os gregos também. Aquilo parece um teatro ali do Parque Mayer. Onde há actores, chefes de quadro, comperes e coristas. E em vez dum ponto metido e escondido na sua caixa, há dois grandes pontos, que ninguém vê, mas que, também como no Parque Mayer, de vez em quando se ouvem cá de fora...

VIVA A LIBERDADE



PRENDAM
JÁ TODOS
OS QUE NÃO
PENSAM
COMO EU!



CONSULTÓRIO
SENTIMENTAL



MORENA INCONSTANTE — Tenho-me farto de pensar se devo continuar com este namoro ou de devo acabar. A verdade é que gosto dele: mas todas as noites quando me vem falar, ele trás um ar muito cansado e diz-me que está farto de trabalhar, e que mal se pode manter em pé... Que devo fazer?

RESPOSTA — Parece que a resposta é simples, amiga leitora. O que tem a fazer é deitá-lo.

ESPERANÇADA — O meu noivo é viajante, e todas as semanas me escreve. Agora mandou-me dizer que para a semana ia tirar três dias para estar comigo. Acho isto tudo muito estranho, porque ele nunca tinha feito isto. Que lhe devo responder?

RESPOSTA — Se ele disse que tirava os três dias, lá tem as suas razões. E o facto de ele nunca os ter tirado, não significa que não os queira ou não os possa tirar agora. O que interessa é saber se você lhe pode dar os três dias que ele quer, porque senão é bronca com certeza.

SONHADOR — Eu gosto muito dum vizinha minha, mas ela parece que não me liga grande importância. Eu sei que não sou bonito, mas a verdade é que tenho dinheiro e gostava de a fazer feliz, se ela quisesse. O que acha que deva fazer?

RESPOSTA — Olhe, amigo, isso é muito complicado. Para lhe estar a ensinar tudo o que você deve fazer, tim-tim por tim-tim, dá muito trabalho. O melhor é você falar com ela e perguntar-lhe se ela quer casar consigo. SE ela disser que sim, tem meio caminho andado. E como os caminhos são sempre muito longos, o melhor é quando chegar ao meio do caminho ir para a cama, porque o descanso nunca fez mal nenhum a ninguém. E toda a gente sabe que a cama é um descanso.

Em Santo António do Texas um juiz condenou um criminoso que assassinara seis jovens a uma pena de 594 anos de prisão. Pelas suas contas foram seis condenações de 99 anos cada uma. Cá por mim tenho a impressão de que isto é gozar com a justiça. Claro que já se sabe que esses anos todos é para evitar que venham depois amnistias e coisas carecidas reduzir o pena. Mas não seria mais lógico condenar a prisão perpétua com indicação de não serem permitidas quaisquer amnistias? Chineses...

Esta passou-se cá para os nossos lados: ali para os lados de Aveiro. Uma mulher que teve um filho, ofereceu-o a uma amiga, que parece que gostava muito de ter uma criança e não tinha. E a amiga pegou no pimpolho e foi ao Registo Civil registá-lo, como se tivesse sido ela que o tivesse tido. E o pai fosse o seu marido. E ficou toda satisfeita com um filho que não lhe tinha dado trabalho nenhum nem a fazer nem a ter.

O pior foi que a verdadeira mãe do criança começou a pensar que afinal um filho demora muito tempo a ter, e o tempo não vai para perdurá-las, e pegou no criança e foi ao Registo Civil registá-lo como seu filho (que até era verdade).

Mas como assim o registo era a dobrar, a coisa era melindrosa... e ilegal.

E a mulher a quem a criança tinha sido prometida e que se sentia enganada por lhe nega-m o que lhe tinham prometido foi fazer queixa à Guarda Republicana, que agora está a tentar resolver o caso. O mais giro é que a criança foi registada pela primeira vez (pela que não era mãe) com o nome de Rui Carlos Santos Fernandes. E depois foi registada pela verdadeira mãe como António Carlos dos Santos Oliveira.

Qual ficará? Parece que o melhor é aproveitar a parte igual, e chamar ao miúdo Carlos dos Santos. Fica ao gosto das duas...

Um agricultor do Estado do Nevada tinha num curral umas vinte vacas de alta produção de leite que em certa altura começaram a produzir muito menos do que qualquer vaca rafeira. Disposto a averiguar o que se passava, decidiu ficar de atalaia toda a noite para ver se alguém lhes ia roubar o leite.

E descobriu que todas as noites, depois do curral fechado a sete chaves, elas se esgueiravam por uma cerca das traseiras que tinha os arames partidos, e iam para o cercado dum vizinho onde estavam um touro de raça apurada.

Claró que enquanto por lá estavam, o dono do touro aproveitava para sacar uns litros de leite, a título de pagamento pelos serviços prestados pelo seu exemplar.

O que não estava nada mal visto...

O carcereiro da cadeia de South Road, no Arkansas, decidiu pedir aumento de ordenado, com o pretexto de que, não tendo nenhuns presos na cadeia, gasta mais dinheiro em livros, discos e outras coisas que evitaria se tivesse lá os presos para tomar conta. Parece que o motivo foi devidamente aceite, e que lhe deram um subsídio de ajuda de custo para tempos livres.

Parece que neste mundo louco, não fica mal fazer uma dobra no calendário e olhar para os assustados, apavorados e desorientados Pides dos vinte e seis de Abril, para os comparar com os seguros, sobranceiros e arrogantes ditos da semana passada, a fazer reivindicações como se fossem operários especializados a pedir aumento de ordenado.

Este mundo louco em que vivemos...

PARA TODO O PAÍS
OS MELHORES
GRUPOS MÚSICAIS

A.J.

REPRESENTAÇÃO DE CONJUNTOS MÚSICAIS
RUA F, LOTE 1 - R/C - B OLIVAIS SUL
Telefone 316354 LISBOA - 6



AS TENÇAS DA REFORMA

EL-REI

— Senhora D. Briolanja! Adonde estades?

D. BRIOLANJA

— Aonde quereides que eu esteja? Aqui me fino, como donzela numa torre de distante terra aprisionada. . .

EL-REI

— Tende tento na lingua, D. Briolanja! Isso de donzela não me parece muito certo. E aprisionado. . . bom: temos de convir que poia ser pior. . .

D. BRIOLANJA

— Pior do que isto? Então corre conosco dos nossos palácios e manda-nos alojar aqui em casa destes infelizes que até pensavam que nós só cá ficaríamos uma semana ou duas, e depois teriam a glória de dizer que tinham albergado insignes personagens reais. . .

EL-REI

— E então? Eles já se queixaram?

D. BRIOLANJA

— Não se queixaram mas eu bem persinto que já não somos tão queridos como éramos há dois ou três meses! Eu bem sei que eles coitados têm a sua vida; mas a verdade é que nós estamos aqui a viver numa parte de casa com serventia de cozinha. . .

EL-REI

— Não desespereides, D. Briolanja. Pode ser que as coisas se componham lá no nosso reino e que nós vejamos ainda melhores dias! Eu tenho a certeza que muita gente ainda por lá haverá que reconheça o nosso valor histórico. . .

D. BRIOLANJA

— Por isso me doi, meu amado amo e senhor! É que para isso já teria havido tempo! E até tenho cá uns zun-zuns que até houve quem pensasse isso, e depois tivesse que desistir. . .

EL-REI

— Deixaide, e tende confiança! E lembraide-vos do velho rifão: atrás de mim virá. . .

D. BRIOLANJA

— Isso poderia eu ter pensado, mas estou já desanimada! Principalmente agora que o vosso secretário particular, o fidalgo D. Marcelino de Capristano decidiu arranjar lugar de mestre escola nestas terras. . .

EL-REI

— Que me dizeides? O meu fiel servidor assim desertou da nossa corte?

D. BRIOLANJA

— Cais corte? Parece-me que os vetustos anos vos estão a dar cabo do toitico! Então vós continuais a pensar que viveides numa corte, a ter aqui neste terceiro andar esquerdo de ir comprar latas de feijões ao merceiro e farinha de milho para vos fazer as papas pela manhã?

EL-REI

— Que importam essas miudezas? O que interessa. . .

D. BRIOLANJA

— Por falardes em miudezas: comereides ao almoço um gusadinho de bofe de vitela? Comprei esta manhã nel talha uma fressurazinha que tinha muito bom aspecto. . .

EL-REI

— Comei-a vós e a vossa filha. Eu não comerei porcarias dessas. Mas dizia-vos eu: o que interessa é mantermo-nos todos unidos. Não sei já aonde é que ouvi que os que estão unidos jamais serão vencidos. . .

D. BRIOLANJA

— Vós estades mas é gagá! Então não sabeides que foi com isso mesmo que nós lixaram a vidinha?

EL-REI

— Pois olhaide que a frase foi bem achada! E lembrar-me eu que tinha ao meu serviço o nobre D. César que ganhava para cima dum dinheirão de tenças só para inventar frases dessas que dessem popularidade ao meu reino, e afinal. . .

D. BRIOLANJA

— Afinal o melhor que arranjou foi a do Portugal desconhecido que espera por si. . .

EL-REI

— E mal sabia ele o que estava a inventar! Se nós soubéssemos o que esperava por nós. . .

D. BRIOLANJA

— A nós esperava-nos isto: uma parte de casa e fressura para o almoço. . .

EL-REI

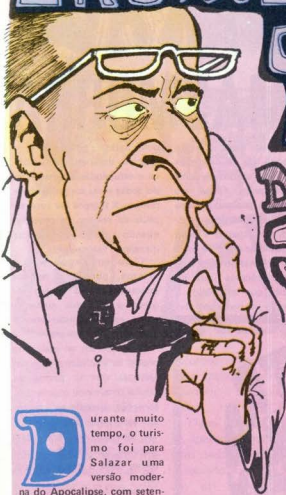
— Mas dizeide-me, D. Briolanja: que história é essa do meu fiel vassalo ter aceite um lugar de mestre escola nestas terras estrangeiras?

D. BRIOLANJA

— Pois assim é, meu senhor. E dizem que vai ganhar de tenças setenta mil dobrões em cada mês, acrescidos de caleche e trintanário!

cont. na pág. 11

CRONICAS DA CONTRA NA APECONHA DE SALAZAR BRIGITTE BARBOT



PR EZEQUIEL

Durante muito tempo, o turismo foi para Salazar uma versão moderna do Apocalipse, com setenta saxofones em vez de sete trombetas. Foi para ele uma palavra "tabu", uma praga do Egito, a túnica de Nesso, Satanás com passaporte inglês e Jezabel descida dos fiordes do Báltico conhecido como o espírito mais retrógrado e saloio do hemisfério norte, persignava-se interiormente, à minúscula referência ao afluxo de estrangeiros que, na sua douta opinião, viriam com o malévolo, obscuro e único intento de perverter os bons costumes dos portugueses como o sacrossanto analfabetismo, o bendito subdesenvolvimento, a resignação na miséria e a fidelidade ao xale e lenço, valores nacionais que ele defenderia a todo o custo perante a descarada cumeira das outras nações que de tal não se podia vangloriar!

Nã senhor — não os queria cá e para afugentá-los até usaria um colar de sete cabeças de alho ao pescoço, se necessário fosse! Enquanto ele visse, a enxurrada dos hunos com máquinas fotográficas à tiracolo nunca penetraria naquele calmo e primitivo Algarve que ele tinha a obrigação moral de entregar às gerações vindouras tal como o encontrara ou, se possível, ainda mais atrasado! Assim pensava o sublime Catão de

zarzuela que franzia o nariz diante do centro turístico do Estoril que não conseguia deter nem desmoronar. Que se contentassem os estrangeiros com aquela praia e, mesmo ali, com muito juizinho, sem dar maus exemplos de vestuário. Deviam usar os fatos-de-banho regulamentares, inspirados nos uniformes de Reformatório e, por vontade dele, com calças até ao tornozelo e camisola interior de manga comprida.

Os franceses, um Dior ou um Moineux, podiam impor ao mundo a moda dos vestidos de tarde e de noite. Mas a moda de fatos de praia seria estabelecida por Salazar, aclamada em Acaapulco, adoptada sem reservas em Miami praia, finalmente, conquistar definitivamente Nice e Monte Carlo. O ditador, folheando velhos figurinos e revistas, com fotografias de banhistas, em 1890, na praia de Algés, criava a moda, em 1940.

Astutos e sem perda de tempo, os seus fiscais percorriam afanosamente as praias de fita métrica em punho e mão de ferro para assegurar o cumprimento da moda salazarista. Multavam um decote aqui, uma perna demasiado descoberta acolá e informavam as estrangeiras

sobre os modelos de sacro-ilíaco, consentidos em Portugal. E, todas as noites, o pudibundo dr. Salazar adormecia descansado e certo de que nenhuma francesa mostrara a barriga aos portugueses!

Nos chás das senhoras afectas ao regime, gabava-se o espírito esclarecido do querido ditador da moda balnear. Aquele homem, no dia em que se cansasse de governar, podia ganhar a vida, abrindo uma loja de alta-costura em qualquer parte do mundo, nas Ilhas Molucas no Bornéu...

Garantia-se entre uma bola de Berlim e um "jesuíta", os bolos preferidos do Chefe, que "as desavergonhadas das francesas teriam de passar sobre o cadáver de Salazar para mostrarem a tibia pecaminosa, em Portugal! "Que mostrassem a tibia na sua terra!

De qualquer maneira, os turistas passavam a fronteira e estarciam entre as pensões e hotéis que se encontravam onde os percevejos, em secreto conluio com o pensamento político de Salazar, os morriam ferocemente e os punham em debandada, de volta aos seus países, na manhã seguinte... Nem tanto ao mar nem tanto à terra; a pronta e leal adesão do percevejo às linhas de rumo do Estado Novo provocava um certo desprestígio lá fora, a própria fama da sardinha nacional

ameaçava ser suplantada pela do piolho português! Construíram-se, então, algumas estalagens discretas, de pequena lotação, muito asseadas, todas "para inglês ver" e não se demorou muito que receberam o inenxorrável, blandicioso e angélico nome de Pousadas. OS Anjos da Guarda deviam zelar ali pela moral do país e pelo sono tranquilo e casto de Salazar que lhes dava as atribuições de uma PIDE celestial, alada e, sobretudo, sem remuneração.

Com o rolar dos anos, com o exemplo do próspero turismo da Espanha, com a necessidade de abrir o país paupérrimo aos investimentos estrangeiros e perante a teimosia dos que vinham partilhar do bom sol português que o ditador, como tudo o mais, queria a ferros e oprímido, houve que ceder... Hora amarga, decerto muito amarga que, no seu isolamento, não ignorava a existência de nada e muito menos daquela atrevida da Bardot que lhe moía o juízo e, em Saint-Tropez, tinha ofuscado com novos usos os seus lindos figurinos dos anos quarenta. Ah, se a PIDE lhe pudesse deitar a unha, maquinava o solitário mas não muito de São Bento.

Brigitte Bardot — era irrefutável — derrotara o "modélite" de Santa Comba, na fabricante competição do mundo da alta-costura balnear. Os seus fiscais iam ficar

sem pão e sem ocupação. Portugal que permanecia no tempo dos trajes populares que Alberto de Sousa perpetuava em livro, Portugal para cuja mulher ele tinha almejado o véu sobre o rosto que persas e turcas abandonavam — Portugal ia arregalar os olhos e ficar boquiaberto!

À chegada a uma aldeia do sul da primeira camioneta de super-luxo turístico, liofilizada e recheada de um grupo de bizzarros estrangeiros, apossou-se dos nativos um grande pânico medieval, cósmico, até às entranhas que explodiu em grita medonha e conduziu à rápida aglomeração na praça da terra: — Fújam, é o Fim do Mundo, chegam os Marcianos! — Tocaram os sinos a rebate, houve desmaios, piedosas mulheres quiseram receber imediatamente e extrema-unição, enquanto outras com o punho voltado para os turistas, regougavam: — Abrenúncio! Abrenúncio!

Contudo, aqueles intrusos não eram marcianos: quem vivia no Outro Planeta era Salazar e eram os portugueses.

Bardot e as suas ousadas de vestuário, copiadas em toda a Europa e até em Portugal, foram o espinho dos últimos anos de vida de Salazar.

Mary Quant a criadora da mini-saia, foi o seu golpe de misericórdia!

OS AMOTINADOS DA MASMORRA

Eu Tenho muitas vezes ensinado aos meus alunos que os meus infinitos conhecimentos se devem ao facto de eu ser um mutante. Não sei se sabem o que é um ser mutante mas eu explico, para benefício daqueles que o não saibam: sou uma espécie de espírito superior que já viveu em muitas

épocas anteriores, e depois de várias mortes aparentes (nas quais me fizeram lindos funerais, devo dizer-lhe) voltei a surgir cá neste mundo sob esta forma.

Claro que esta vida que estou hoje vivendo, ainda que seja já a minha vigéssima primeira ou vigéssima segunda — não estou agora bem certo — já pouca diferença faz das

anteriores, porque afinal eu já cheguei à conclusão que em todos os tempos e em todas as idades, o homem tem sido sempre o mais burro bonacheirão, que deixa pôr albardas, atar-lhe arriatas, e carregar com todas as cargas.

Quem lhas põe, é geralmente o indivíduo das classes dos chicos espertos, mais ricos ou mais poderosos, e o

homem, desde o das cavernas (lembro-me tão bem desses tempos!) até ao dos egípcios (ai a Cleopatra, filhos, era uma tara!) passando pelas cortes francesas onde os decotes eram um espanto e havia duelos quase de meia em meia hora, ou até mesmo ao princípio destes séculos (que há quem diga que está falido e ninguém já dá nada por ele)

nem mesmo numa Feira) o homem, dizia eu, vai filosofica e estupidamente aceitando todas essas cargas, e só de tempos a tempos faz uma espécie de assomo de rebeldia, quando a carga é muita e as mazelas já fazem doer.

Claro que depois volta à mesma, porque o homem (estou a falar dos homens vulgares, e não dos mutantes como eu) é estruturalmente estúpido.

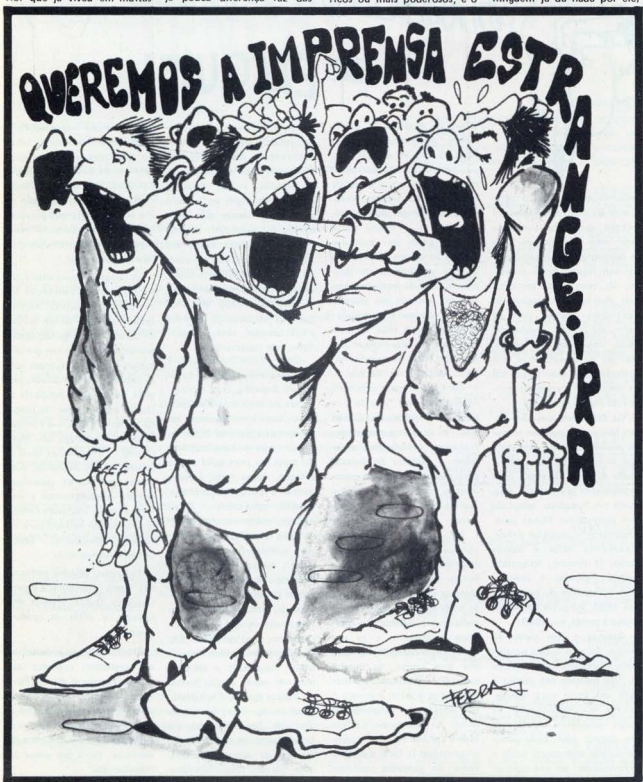
E se querem ter mais uma prova, eu vou contar-lhes um episódio que se passou na minha terceira ou quarta reencarnação, quando eu era um dos secretários desse formidável homem que foi Cesar Augusto, que mandava à brava em todo o império romano.

Como vocês sabem — se não sabem, não como é que passaram em história) o meu patrão Cesar passava metade do tempo a combater e a outra metade a jantar. E que jantares! Havia de lá ter estado nessa altura a Vera Lagoa, para descrever os brocados, as sedas, as cachemiras e as jóias daqueles borrachinhos, ou então a Maria de Lourdes Modesto, para poder descrever os menus dos banquetes que a gente amorfava deitado em almofadas chamadas tricliniuni que eram uma espécie de Molaflexes daqueles tempos. Era uma ideia bestial, porque a gente naqueles tricliniuni comia tudo: desde a sopa até ao assado, e à sobremesa e depois disso comia o que aparecia e o que podia, já se deixa ver, porque também as vezes já nem a gente tinha vontade de comer nada.

Mas eu não estou aqui a querer fazer-vos inveja. Estou aqui para vos contar um caso que se passou, quando Cesar chegou a Roma vindo duma pequena incursão nas costas das Galias, e no caminho foi assaltado por um bando de malfeitores, mas meus amigos! Que malfeitores!

Aqueles piratas que até parece que tinham um curso de especialistas de comendos clandestinos, assaltaram o

cont. na pág. 10





HUMOR NE GRÓ

O ACIDENTE

Claro que aquele estúpido acidente ia-me atrasar a viagem e quem sabe mesmo se me iria colocar à mercê de quaisquer malfeteiros. Eu tinha ainda que percorrer um longo caminho, todo ele difícil e pedregoso, e tinha sido precisamente por isso que o acidente se dera: ao escalar um enorme monte de pedras, uma delas rolara e fizera saltar um enorme pedregulho que me caíra violentamente sobre um pé, e praticamente o esfecelara.

Parei para disfarçar a dor, e tentar libertar aquela massa informe em que o meu pé se tornara, e senti um aperto no meu interior quando vi que o pé estava praticamente perdido. Debaixo do enorme pedregulho, à mistura com lama e terra, escorria um líquido viscoso arrastando pedaços de polpa de carne.

E o pior era que toda a perna estava mais ou menos deformada, pela posição em que o pedregulho a atingira, e por mais esforços que fizesse não a conseguia mover.

Tentei com os mãos que tinha livres empurrar as pedras para ver se libertava a minha perna: era preciso tratar já daquela perna, ou com os

esforços violentos que estava fazendo certamente perderia a esperança de a salvar.

Olhei emroda para ver se aparecia algum auxílio: mas nada. Tudo era árido e deserto à minha volta e só ali aquele maldito monte de pedras onde a minha perna estava aprisionada e o meu pé completamente esmagado.

Senti-me enfurecer pelo estúpido acidente. Quando tudo parecia caminhar bem, quando eu me apressava para chegar à beira do rio antes do anoitecer, logo havia de acontecer aquilo inesperado e estupidamente.

Amaldiçoei a hora em que tinha empreendido aquela jornada. Podia muito bem ter ficado onde estava, se não fosse aquela tremenda mania das aventuras e a insaciável curiosidade de saber o que se iria passar naquela noite à beira do rio.

Mas não havia já nada a fazer. Era preciso reunir todos os meus esforços e libertar a perna, fosse como fosse. Talvez ainda conseguisse libertar-me se não entrasse em histerismo.

Continuei a afastar as pedras que me cobriam a perna quase até à articulação.

E nesse momento senti um paerto no interior: a própria articulação estava

praticamente desfeita: devia ter sido a primeira pancada daquele enorme pedregulho antes de cair em cheio e me esmagar o pé.

Carrei os dentes com força. Há alturas em que a gente tem que tomar uma resolução, e eu já tinha visto o suficiente para saber que iria ficar sem aquela perna e por isso o melhor seria antes que perdesse mais forças, resolver o assunto por uma vez.

Dominando a dor que crescia cada vez mais mordi com raiva, com fúria o tendão que ainda sustentava o que restava da minha pobre perna.

O tendão resistiu um bocadinho mas depois a minha fúria desvairada venceu.

Esqueci dores, esqueci tudo e mordi, mordi loucamente, até soltar finalmente o coto num fragmento irregular, num esticção que quase me fez cair de costas.

Debaixo da enorme pedra ficou o que restava da minha perna e do meu pé esmagado.

Lentamente, tentando dominar as dores arrastei-me dali para fora.

À força de nervo e de vontade continuei a arrastar-me. Eu já sabia que naquela vida agreste alguma coisa destas havia certamente de acontecer.

Mas tinha a coragem suficiente para me dominar e saber que com o tempo o pior havia de passar.

Afinal eu só tinha fica-

do sem uma perna. E isso, para uma centopeia também não era uma coisa por aí além.



Joaquim Paço d'Arcos, o cronista-mor da alta sociedade salazarenta que, há anos, se solidarizou com a escandalosa extinção da Sociedade Portuguesa dos Escritores (ele demitiu-se quando a Sociedade premiou um livro, depois apreendido, de Luandino Vieira) decidiu ir para o Brasil, na senda doutros "preclaros" exemplos... Escolheu a cidade da Baía onde talvez tenha ao alcance da mão alguma "macumba" que o liberte de os maus espíritos e da completa ausencia de talento.

Ele foi escritor como ex-presidente Tomás podia ter sido jogador da selecção de hoquei em patins!

No cinema Castil que parece uma modernização do velho Eden, corre actualmente um admirável filme, "Inquirito a um cidadão acima de qualquer suspeita".

É um eco cinematográfico dos inquiritos a cidadãos... dignos de toda a suspeita, em curso.

No entanto, com tão prodiga material-prima, nenhum dos nossos realizadores se inspira!

David Mourão-Ferreira, agora director de "A Capital", continua a ser aquilo a que Eça de Queiroz chamava "um prestígio à procura de uma ideia construtiva".

Mas que o jornal tem melhorado, lá isso é verdade!

O MOTIM DOS EX-PISES...

SE LHS FALAMOS AO CORAÇÃO TALVEZ VÁ'...

VIVA A CLASSE TRABALHADORA

TEMOS MULHER E FILHOS

QUEREMOS ADERIR AO 25 DE ABRIL

SEMPRE ESTIVEMOS AO LADO DO POVO!

MAS SERÁ POSSÍVEL HAVER UM GOVERNO SEM A GENTE?

VIVA LENINE
ERA TUDO A REMAR

VIVA VIVA
QUE PENA NÃO HAVER SAIS DE FRUTOS!

VIVA VIVA
EU PARA SER FRANCO JÁ ESTAVA FARTO DAQUILO

SEMPRE FUI UM GAJO GENÉVEL E VENDO BEI, TORTURAR DE MANHÃ À NOITE NÃO ERA DAS MELHORES PROFISSÕES... ERA MUITO CAUSATIVO E INCOMPREENDIDO O MEU TRABALHO

MÃO TSE TUNG

VIVA O GENERAL SPÍNOLA

AM AS ORÇAS MADAS

ESTATUTOS DO HOMEM

COMUNISTA

EXIGIMOS MELHOR COMIDA

QUEREMOS AIMPENÇA ESTRANGEIRA PORQUE CÁ O POVO NÃO SABE A VERDADE POR CAUSA LESSA MÁQUINA OPRESSORA QUE É A CENSURA!

FERRAZ

OS AMOTINADOS DA MASMORRA

cont. da pág. 6
acampamento e houve porra-
da brava.

Para vocês fazerem uma ideia, basta lembrarem-se que eles estavam instalados naquelas serranias há mais de quarenta décadas, e quando as nossas hostes ali acamparam vinham já estafadas também duma longa campanha nas Galias, campanha que também já se arrastava há mais duma década — ia a caminho de duas.

Claro que Cesar tinha decidido que naquela incursão andava a malhar em ferro frio, e tinha decidido regressar a Quartéis, quero dizer, regressar a Roma, e aí se instala para mais uma temporada de descanso bem merecido, para si e para as suas tropas.

Claro que eu que era o secretário pessoal dele, vinha sempre ao lado: fui até eu quem comecei a escrever aquele celebre "De Bello Gallico" que alguns de vocês ainda tiveram que empinar no liceu.

Mas adiante.

Naquela noite com vos disse houve porrada bravia, mas Cesar era Cesar e as nossas hostes não eram para brincaradeiras; e por isso quando raiou a manhã os malfetores tinham si do dominados, à excepção de uns poucos que fugiram.

Aqueles que Cesar aprisionou, vieram com o exercício para Roma, e o Imperador ordenou na sua soberana justiça que fossem colocados a ferros em masmorras para serem julgados. Cesar era assim: outro qualquer tinha poupado o preço das passagens e tinha-lhes cortado logo ali os garganetas, mas ele era um homem e com isto digo tudo.

Os sevandijas vieram para Roma e a multidão à entrada da via Ápia apitupou-os condignamente, insultou-os e disse que os queria comer. Cesar não foi nisso e mandou que se instalassem processos individuais o que me chatoua bastante porque era eu quem tinha que escrever quase tudo, e descrever as torturas

que eles tinham feito a incantamentos viandantes e a aldeões indefesos que os não apoiavam nas suas malandragas, pilhagens e falcatruas.

Foram então a grande maioria deles aterrorhados numa das principais masmorras de Roma, enquanto os escribas iam elaborando os seus processos.

Claro que vocês bem se lembram — de terem lido — que em Roma havia muita venalidade. E toda a gente falava à boca cheia de tantos e tantos servidores do imperador que andavam feitos com a malandragem, e que a troca de alguns dinários ou até mesmo de meia dúzia de sestércios se faziam com essa malandragem para fechar os olhos às suas pilhagens.

Pois imaginem vocês que quando todos aqueles malandrins estavam encerrados atrás das grossas paredes de granito da grande masmorra da cidade, e quando todo o povo romano estava convencido que daí a pouco teria uma grande festa para assistir ao justicar de tais malandrins, Roma deu um ah de espanto!

É que numa das ameias da grande masmorra apareceu um arauto, tocando uma grande sineta, para ler uma proclamação.

As gentes correram para ver o que era, pensando já que tinha chegado a hora do justiciar. E qual não foi o romano espanto, quando viram

cont. na pág. 11



Ora cá estamos em plenas férias! Em plenas férias com os plenos subsídios, e com o chato do patrão a milhas! Que bom, que bom, que bom!



CARREIRO

TRABALHO — Você vai ter um trabalho para meter a minhoca no anzol. Mas depois vai regalar-se horas e horas sentadinho ao sol, à erpera que o peixe morde. Mas claro, o peixe também está de férias, não sabia?

AMOR — Aqui tudo lhe corre bem. Você vai pescar, e ela anda por aí tomar banhos de sol. Depois quando você já tiver desistido da pesca, talvez tenha sorte com ele. Experimente.

SAÚDE — À falta! lodo, sal, só, água, e moscas. Se for em certas praças que eu cá sei, cuidado com as coisas castanhas que andam a boiar à sua volta.



TOURO

TRABALHO — Não tem. Ou você já se esqueceu que está em férias?

AMOR — Também não tem, que você está aí para descansar e não para trabalhar. E quem se mete em amores, mete-se em trabalhos. Deixe-se disso.

SAÚDE — Fraquinha, mas você não esperava mais, pois não?



GÊMEOS

TRABALHO — Veja se consegue qualquer coisa em que se entretenha. Por exemplo a fazer caixinhas de conchinhas. Depois das férias pode oferecê-las aos amigos ou então vendê-las.

AMOR — Se você fizer caixinhas, vai ver que elas comem a andar à sua volta. São muito curiosos e gostam de quem lhes faz caixinhas.

SAÚDE — Oxalá que você aguente. Não se meta em cavalarias muito altas.



CARANGUEJO

TRABALHO — O trabalho teve que a armar a tenda. Parece que o raio dos ferros estavam todos errados. E o pano já está velho. Você com essa tenda a dar barraca.

AMOR — O amor em tenda é muito difícil, e muito indelicado. Você já pensou que a outros pessoas são muito alheadas? Tenha cuidado.

SAÚDE — Não tem variações. Continua com essa malidita bronquite, que é de dormir com os pés de fora.



LEÃO

TRABALHO — VAI TER MUITO PARA DESCOBRIR

UMA PRAIA ONDE VOCÊ POSSA INSTALAR O ESQUELETO. Mas se não se importar de ficar com um miúdo seabado no peito e outro a meter-lhe um pé pela boca dentro, sempre arranja.

AMOR — Claro que nessas condições você não pode pensar em romances. Por isso o melhor é comprar uns polichinhas e entreter-se a aumentar a sua cultura na arte de bem matar todos os criminosos.

SAÚDE — Boazinha, graças a Deus e às vitaminas que lhe têm evitado a galopante. Continue que vai longe. Talvez até ao Alto de S. João.



VRIGEM

TRABALHO — Tremendo, nem você imagina. Com essa figurazinha, com esse bikini e com esses malandros todos à sua volta, como é que você se vai aguentar nesse signo?

AMOR — Pois é por isso mesmo! É muito fácil ser-se platinico no inverno que está muito frio. Mas agora...

SAÚDE — Veja se trata. Um bom bronzeador dá-lhe saúde e melhor cor.



BALANÇA

TRABALHO — Agora com as novas tabelas de pesos e medidas é preciso equilibrar muito bem as coisas. E não se esqueça que você também precisa de ser equilibrada.

AMOR — É não se esqueça que uma parte integrante das balanças é o fiel. Portanto nada de cabritinhos.

SAÚDE — Fora o excesso de transpiração e as resultantes infeções na cutis, nada a assinalar.



ESCORPIÃO

TRABALHO — Agora está no defeso porque está em férias. Mas vá se preparando porque para a semana já tem que se a digas.

AMOR — Siria conveniente descobrir onde é que a Micas passou aquele ultimo fim-de-semana em que disse que teve que vir a Lisboa. Tenho cá uns zun-zuns...

SAÚDE — Quanto a isso nada de novidade. Afinal essa comichão não era sarra, era do sol.



SAGITÁRIO

TRABALHO — Tremendo. Mas deixe lá, agora vêm os outros de férias e vai você. E vai ter melhor tempo do que eles que quase ficaram assados com os 39 à sombra que gramaram.

AMOR — Dentro de dias tem a lua cheia. E todo o romantismo que a lhe oferece. É altura de decorar alguns versos para aplicar...

SAÚDE — Veja se trata da constipação. Isso de querer dar beijinhos com o nariz a pingar, é porco.



cont. da pág. 4

— Dissidente! Revisionista! Assim me abandona mais um que eu cria fiel?

EL-REI

— E ainda teremos que tratar muito bem, porque correram novas de que esse vosso antigo servidor estava a preparar um largo escrito sobre os souteiros de serviço na nossa corte...

D. BRIOLANJA

— Ah, mas isso não consentirei! Isso sei como o evitar! Que muitas vezes os meus fieis servidores o fizeram! Chamarei D. Cesar e lhe recomendaré que alicie o tribunal do Santo Officio para lhe impedir que o livro veja a luz da publicidade! Ou mandarei que os seus esbirros lho consigam antes dele sair das oficinas do mestre Gutenberg...

EL-REI

— Bem digo eu que estades pagis! Então não vos alembraides que tudo isso eram coisas que tinham força na vossa corte, mas que aqui nestes reinos não dão nada? Aqui só poderdes servir-vos de traficâncias; podeis pagar a quem vos vá destruir essas coisas, antes que elas venham a público e o público leia aquilo que esse renegado se alembra de fazer a nosso respeito...

D. BRIOLANJA

— Bem digo eu que estades pagis! Então não vos alembraides que tudo isso eram coisas que tinham força na vossa corte, mas que aqui nestes reinos não dão nada? Aqui só poderdes servir-vos de traficâncias; podeis pagar a quem vos vá destruir essas coisas, antes que elas venham a público e o público leia aquilo que esse renegado se alembra de fazer a nosso respeito...

EL-REI

— O que seria falta de respeito...

D. BRIOLANJA

— E que perigosa seria! Já vos alembraisteis do que ele poderá dizer se quiser dizer mal de nós?

EL-REI

— Isso teria muita coisa para dizer! Mas não vos esqueçais que ele também lá estava a trabalhar conosco...

D. BRIOLANJA

— Mas alembraide-vos também que ele é letrado! E que certamente sabará enredar as coisas de maneira a deixar-nos ficar mal-vistos...

EL-REI

— Não temais isso. Ainda tenho aqui grandes amigos, e mesmo lá no nosso reino...

D. BRIOLANJA

— O quê? Ainda tendes esperanças?

EL-REI

— Confiaide na minha alta sabedoria de regedor de gentes! E ficai sabendo: não me arreceio de que esse meu infiel servidor dê à estampa o seu depoimento. Porque se o fizer...

D. BRIOLANJA

— O que fareis?

EL-REI

— Farei aquilo que é agora de uso! Farei um caderno de reivindicações. E como me dizem que lá no nosso antigo reino, acitam todos os que são apresentados, assim eu irei pedir umas tenças de reforma, e nelas incluirei todas as horas extraordinárias que fiz. Tenho a certeza que passarei a receber de tentas mensais muito mais do que os setenta mil dobrões que esse infiel servidor aqui recebe como mestre escola!

OS AMOTINADOS DA MASMORRA

cont. da pág. 10

o império romano, e depois com os de terem arreado ainda

nessas passavam cartão daquela maneira!

Mas como vos la dizendo logo depois houve em Roma uma epidemia de furunculose e eu que sempre fui descui-

dado com essas coisas apanhei um antrax e olhem, foi um ar que me deu.

Dois dias depois o meu terceiro o meu terceiro ou quarto corpo (não me lembro bem) deu entrada com todas as honras no Forum Crematorio Principais de Roma e o

encarregado dos serviços funebres depois das pompas que eram devidas à minha condição de letrado, fez um chorresco completo. As minhas cinzas dessa vez foram solenemente lançadas ao Tigre.

E dessa época é todo o que me lembro...

cont. na pág. 15

A VARINA

Estava escrito. Tinha que entrevistar uma varina, até porque se me atrasasse muito já nem varinas haveria, e depois... que perca para a positividade que ficaria sem ter a completa descrição com aquela riqueza de pormenor que caracteriza o meu estilo, essa figura tão característica da vida portuguesa.

E lá estava. Mesmo quando o não esperava, uma varina...

— A senhora dá-me licença?

— Diga lá freguês! Mas não demore que está aqui mais gente à espera...

— Eu não quero peixe. Pode ir vendendo aos outros e falando comigo. Sabe: eu sou reporter...

— Ai você é desses? Ó filho para cá vens de carrinho

na...
— Ó seu sacana, vá lá chamar varina à sua mulher! Quem é que lhe deu ordem para me ofender?

— Ó santinho, eu não quiz ofender! Varina é um nome que até dignifica quem o usa.

— Deixa-te de fitas, menino. Isso já lá vai! Varinas são hoje essas fufias que andam para aí nos chazes e descomporem-se umas às outras com falinhas mansas! Eu cá sou uma comerciante de peixe, e mai nada, óvistes?

— Tá dito! Não se fala mais nisso. Mas a senhora não andava antigamente a vender o peixe com uma canastra à cabeça, e a apregoar "ó viva a costa"?

— Olha este que anda é do bom tempo! Ó filho então tu não sabes que isso hoje inté envergonha a gente? Quando o senhor Tenreiro comprou estas camionetes todas que ele tinha, para vender o peixe dele a toda a gente, o país subiu um degrau na escala social. Arre que eu hoje estou a falar como num comício!

cachuchós na canastra e fomos a correr por essas ruas fora? Ninguém já nos comprava nada. E a gente chegava ao fim do dia cheias de dores nas pernas e com o peixe mais esmalhado ainda do que a gente.

— Mas então ninguém comprava nada porquê?

— Ó filho, tu és muito anjinho! Então não te lembras, já que é desse tempo, que a gente ia por essas ruas e estava sujeita a toda a especie de enxovalho? Olha uma vez levava uma canastra cheia de chaputas. Eram uns peixes lindos que eu tinha arrematado na lota a três mal reis o quilo. Ia ali por uma rua de Alvalade e veio uma fufia à janela. E gritou-me:

— O que é que leva?
Eu, na melhor das intenções, gritei-lhe:

— Chaputa! Venha cá abaixo!

— E depois?
— Depois? Olha depois veio o marido pela escada

abaixo a gritar que eu tinha chamado um nome feio à mulher, que ela não era nada disso, e que eu havia de provar o que dizia, e mais q'isto e mais c'aqueilo, e eu que até não sabia que a mulher era dessas cavei por aquela rua fora, e desde então nunca mais peguei na canastra.

— E foi então que passou a ser comerciante de peixe?

— Sim senhor! Comerciante independente. Comprei este triciclo, e montei esta indústria, só para fazer concorrência ao meu colega Tenreiro.

— Quer dizer, você foi a ultima das varinas...

— E você a dar-lhe! Varina foi essa gaja que me fez arrumar a canastra. Mas eu ainda a tenho lá em casa, à espera de um dia a encontrar. E nesse dia, mesmo que eu só tenha aqui na padliola chicharro ou carapu negro, um raio me parpa se eu não lhe hei-de voltar a apregoar: chaputa! Chaputa! Chaputa!

ISTO DA PESCA ESTÁ MUITO MAU... CADA VEZ HÁ MAIS LINGUADO E MENOS PEIXE-ESPADA!



Claro que corri Seca e Meca, mas por fim vi lá ao longe, um monte de gente à volta duma padliola, e por curiosidade fui até lá.

Se julgas que eu te vou dar troco...

— Não quero troco: quero é que me conte as suas dificuldades nessa vida de vari-

Mas é verdade, filho. Depois de aparecerem aquelas camionetes branquinhas com um peixinho pintado por fora e que saíam na guita para todos os bairros, como é que tu querias que nós as antigas peixeiras, puzessemos os

*** VERÃO * EM ***



*** PORTUGAL * TORNE AS SUAS * MAIS * FERIAS * AGRADAVEIS * E MENOS DISPENDIOSAS ***

COMPRE UMA **CARAVANA** TELEFONE PARA **721007 ***



DEFORMEC
DEP.º CENTRAL DE PROM. E PESQ.
RUA ABADE FARIA, 9/A

BARRAÇADAS

A MINI-SAIÁ

C horai fadistas, chorai, que a mini-saiá morreu! Isto podia ser uma bela letra para um belo fado: o fado da mini-saiá.

Mas é verdade. Decretaram os grandes costureiros ingleses que a mini-saiá, que tinha nascido há dez anos, morria esta época. Os grandes armazéns ingleses (lá não há pequenos armazéns, é tudo à bruta) não farão mais mini-saias.

E a gente que tinha andado estes dez últimos anos a ver pernas, agora fica a ver navios!

Francamente cá o Zé tem motivos para se sentir indignado: isto parece que foi uma especie de peça de teatro em que aqui há tempos subiu o pano, e agora quando o espectáculo estava no melhor da festa, cai o pano. Protesto!

De resto eu tenho toda a razão para protestar porque em Inglaterra, quando começou a moda da mini-saiá, todas as raparigas e todas as mulheres com gambias que se vissem aderiram a tão saudável moda (vocês sabem muito bem que o arejar faz bem à cutis) mas cá pela nossa santa terrinha, não tivemos dez anos de mini-saiá: excepção feita a uma reduzida mas valorosa pleiade de pioneiras, todas as raparigas e todas as mulheres tinham um certo acanhamento de se minisaiarem, e assim começaram muito a medo, com para aí uns dedos acima do Joelho, para no verão seguinte lá chegarem a uma

mão travessa, mesmo a desafiar outras mãos travessas, e só há muito pouco tempo é que nós, os fieis basbaques portugueses pudémos ver e não foi em toda a parte, os generosos nacos de coxas com aquele ar saudável de quem trabalha de sol a sol.

Ora agora que a Ingla-

terra acabou com a mini-saiá, acho que temos a rara oportunidade de lançar a nossa mini-saiá em pleno. Em furia. Em absoluto. Até por fim estruturalmente turístico-patrióticos, porque estou certo de que muitos estrangeiros vão ficar com saudades desses belos tempos em que viam las

guaspias piernas, les beaux jambes, the beautiful legs e quejandas, vão afluir a Portugal vindo em bandos em alcateias, pelas cidades pelas aldeias, so para verem as nossas mini-saias, que irão resistir a todas as parvas ordens dos grandes costureiros e subir ainda mais uns centimetrozinhos

(quando for possível) para provar que se é certo que nós estamos dispostos a aderir ao mercado comum, não estamos nada dispostos a baixar as armas na luta contra a crise de custo de vida que seria rudemente abalada com o aumento da fazenda que as moças teriam que comprar para fazer saias grandes.

Por isso, e para mostrar ao mundo que não nos submetemos a imperialismos inadmissíveis, viva a mini-saiá.



ELES SEMPRE TIVERAM RAZÃO PARA NÃO GOSTAREM DOS VIOLENTOS E LIVRES JORNALISTAS PORTUGUESES

ORA CONTE-NOS...

O QUE PENSA DAS REIVINDICAÇÕES DOS

PENSO QUE SIM SENHOR... DÊ-SE-LHE O QUE MERECEM

PORRADA

NÃO SEJAM MAUS PARA ELES.... EU GOSTO MUITO DELES, COMO SE FOSSEM MEUS FILHOS!

JORNALISTA

DOS RÍDEIS!

FUNCIONÁRIO PÚBLICO

FORÇADO

PROSTITUTA

EX-PRESO POLÍTICO

MAS PORQUE É QUE NÃO HÃO-DE FAZER A VONTADE AOS HOMENS SE ELES QUEREM PORRADA!...

ACHO QUE ELES TÊM TODA A RAZÃO... DEVEM SER SOLTOS MAS DIGAM CA'À RAPAZIDA O DIA DA SAÍDA...

EU POR MIM DOU-LHES ESTE PRESENTE DE BOA VONTADE

FERRAZ

rebola b'ola

Pois, pois. O amigo Yazalde diz que só por um ano não fica no Sporting. Ele quer dar

três e o Sporting só dá um. O que é pouco. Não se pode dizer que sejam entradas de leão...



Sim que nisto de futebolis, o Sporting anda a coçar a cabeça. Há o caso do Damas, o do Yazalde e vários outros. Claro que no ciclismo já se sabia: a Volta não era precisamente o sue forte, visto que o Agostinho tinha ido dar uma volta. Mas mesmo assim tem o melhor em vigéssimo, parece muito a história do vigéssimo premiado...

para passar o resto do pelotão, parecia de revista.

E depois no decurso da etapa vinha o resto da anedota: uns à frente a correr para completar a etapa, e outros, os que tinham perdido o comboio, a fazer um tranquilo passeio ciclista, pachorrenta e regaladamente.

Claro que o amigo Lara logo resolveu o assunto: armou-se em Kissinger, foi lá à frente pedir a concordância aos adiantados, e eles que são boas pessoas disseram:

— Pois claro, amigo Lara. Então a gente ia agora fazer essa desfeita aos rapazes que perderam o comboio? Não senhor! Diga-lhes que andem um bocadinho mais depressa c'a gente anda um bocadinho mais devagar, e depois junta-se tudo ali à esquerda, e lá vamos todos

E assim foi. Quando as duas metades se juntaram,

acho que houve uma festa de confraternização, muito abraços e pancadinhas nas costas, é pá, há quanto tempo não te via, pá! Onde é que tens andado, pá? É pá foi o sacana do comboio, pá. Não vêes que dizia lá "olhe pare e escute" e a gente parou, olhou e ficou à escuta. E vocês, pá? É pá, nós não parámos, nem olhámos, nem escutámos, pá. A gente pirou-se mas foi a rénar. É pá a gente disse logo ao Lara: se você não traz já p'ra aqui os nossos colegas cá da oficina que foram despedidos pelo comboio, a gente entra já in greve, c'agora até já é legal. É pá, o Lara foi logo na mecha buscar vocês, e pronto!

Claro que depois destas e outras manifestações, a volta continuou, pachorrenta e sossegada como convém a uma volta das nossas; uma autentica volta dos tristes...

astro-lábia

por: *Horus Koprus*



cont. da pág. 11



CAPRICORNIO

TRABALHO — Finalmente pode descansar uns dias. Mas tenha cuidado não se exceda nos desportos de verão, para não se estafar muito...

AMOR — Finalmente... e ela também vai de férias! Aproveite agora, mas também não se esforce muito. Você não tem capacidades ilimitadas.

SAUDE — Não deixe de tomar as vitaminas, os sais minerais e as injeções diárias de sítis diário. Lembre-se que essas tuberculoses são muito traçoceiras.



AQUÁRIO

TRABALHO — As suas férias estão a acabar. O melhor sera já ir pensando no serviço que deixou por fazer no escritório. Lembre-se que o patrão não é rico, e como diz a televisão: trabalha, constrói o teu futuro!

AMOR — Afinal nem tudo é mau. Acabaram as férias, mas vai voltar ao escritório e está lá o Malaquias que tem um fraquinho por si. Vale a pena tentar porque ele embora pávo é solteiro.

SAUDE — Com essas cores você até pode fazer uma venda ambulante de saúde, se lhe passarem a respectiva licença...



PEIXES

TRABALHO — Trabalho teve você a ver se pescava alguns e não teve sorte nenhuma. O melhor é dedicar-se a outro desporto.

AMOR — Aqui as coisas estão um bocadinho entrovicadas. O seu amiguinho vai entrar de férias e você fica a chuchar no dedo.

SAUDE — Sem novidade de maior. Basta tratar desses dentes escariados.

VITALIDADE GINSENG ÚNICO EM PORTUGAL RECEBIDO DIRECTAMENTE DO ORIENTE



O seu interesse pelas mulheres não se perdeu; foi o seu organismo que se enfraqueceu.

É preciso revitalizá-lo. Mas, cuidado: não tome estimulantes, que podem afectar-lhe a saúde e nada resolverem.

Não é uma questão de idade. Recorra a produtos naturais para recuperar o vigor. Nós possuímos a cèlebre raiz da vida, tão celebrada pelo Padre Jesuíta JARTOUX, em 1711, numa carta dirigida ao Procurador-Geral das Missões.

Cada frasco contém 28 gramas de Gísenng de Korea instantâneo granulada. Enviamos pela carta de cobrança. Pedir literatura explicativa. Se mora em Lisboa telefone para os N.º 65 44 34 65 17 22 68 97 72

SARACIL — SOCIEDADE DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL, LDA.

R. Arco do Carvalho, 69, 1.º (Campolide) — Lisboa-1 — Autocarros N.º 2, 12, 13, 15, 18, 42 e 51

DELEGAÇÕES:

CACÉM — Ervãria da Cacém — Aqualva — Telefone 294 04 89
COSTA DA CAPARICA — Farmácia Higiénica — Telefone 240 00 20
FUNCHAL — A. J. Mateus Ferreira — Rua dos Tamoios, 49 — Telefone 2 47 44
PORTO — Centros de Dietética Popular — Mercado do Bolhão — Telefone 3 11 56

Sempre jovem e vigoroso com GINSENG DE KOREA

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)

TEL. 562411/10 LINHAS



À MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
— MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
“EPEDA” E “DELTALOC”